

# CIÊNCIAS, VIAGENS E MITO: O ARQUÉTIPO DO HERÓI NAS EXPEDIÇÕES DE NATURALISTAS DA COMISSÃO RONDON

**Mariáh Martins**

Mestranda do HCTE/UFRJ

mariahmartins\_1@hotmail.com

## COMISSÃO RONDON E A CONVOCAÇÃO DOS HERÓIS

Em fins de 1908 são publicadas, no relatório do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, as instruções para a comissão responsável pela construção do telégrafo entre os estados de Mato Grosso e Amazonas, que teria também como atividade o estudo da região no que tange sua defesa, o caminho para a comunicação fronteiriça, a navegabilidade dos rios e a utilização da terra para lavoura, assim como o estudo de tudo o que pudesse ser extraído da região. Funcionários da Repartição dos Telégrafos e militares seriam chefiados pelo major de engenheiros, Cândido Mariano da Silva Rondon, com o fim de ligar por meio dos fios telegráficos a cidade de Cuiabá a Santo Antonio do Madeira (1908. RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS, pp. 413-418).

A virada do século XIX para o XX foi marcada, no Brasil, pela busca de um maior controle sobre o território nacional que se caracterizava agora pelo governo republicano, deixando para trás o passado imperial. De importância extrema à rápida comunicação, a construção do telégrafo se tornou um foco para as atividades nacionais.

Já no ano de 1897 o governo buscava uma expansão, em pontos estratégicos, da linha telegráfica. No relatório ministerial do ano seguinte são descritas as suspensões na construção de telégrafos em várias partes do Brasil, proporcionando “serem aliviados os cofres públicos de tão pesado encargo anual”, já que em grande parte essas linhas se dirigiam para regiões de baixa produtividade comercial e industrial. Contudo, as obras nas linhas telegráficas referentes às localidades fronteiriças não poderiam parar, seu papel enquanto “desenvolvimento no tráfego internacional” e “comunicação estratégica com as fronteiras” se mantinha como grande interesse

nacional (1898. RELATÓRIO DO MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS, pp. 164-170).

Além da diligência em apagar os resquícios de memória da monarquia finalizada em 1889, outro acontecimento passado também se fazia presente na memória do governo brasileiro, a Guerra do Paraguai (1864-1870). Guerra esta marcada pela fácil invasão do território brasileiro pelo exército paraguaio e a demora na comunicação com o Rio de Janeiro, então capital federal. O intenso interesse na fronteira do Paraguai é encontrado no relatório de 1907, que descreve três pontos em que a comissão militar conseguiria atingir a fronteira paraguaia. O governo desejava uma ligação com o telégrafo paraguaio. Apesar de compreender a dificuldade desse feito, já apresentava em seu relatório ministerial o melhor ponto em que se poderia fazer uma ligação do distrito federal à cidade de Assunção.

Dessa forma, foi constituída em 1907 uma comissão especial, numa parceria nunca antes feita, composta não só pelos funcionários da respectiva repartição, mas também por um largo contingente de militares, a Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMA), com a finalidade de expandir o telégrafo para uma área de extrema importância ao Brasil que se formava. Contudo, seu chefe, Candido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), fez dessa finalidade quase um meio para se buscar o (re) conhecimento desse imenso país, seguindo até 1915 com uma diversidade de atividades dirigidas por ele.

Em 1907 é lançada uma parceria entre o Museu Nacional e a CLTEMA, onde além da participação de naturalistas da instituição na comissão para o estudo da região e do que nela existisse, o museu seria o depositário dos espécimes coligidos durante as expedições. Três nomes são relevantes nesse contexto, tanto pela atuação na comissão, no Museu Nacional, assim como no cenário da ciência brasileira.

Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1939) tem papel de destaque primeiramente por ter sido o primeiro zoólogo da Comissão Rondon, ter continuamente se dedicado aos estudos dos materiais coligidos nela, e por ter nos deixado interessante material bibliográfico sobre sua viagem. Miranda Ribeiro compunha o quadro de funcionários do museu desde 1895 como auxiliar da seção de zoologia, mas posteriormente ocupou o cargo de secretário do museu, de professor, e de chefe da seção de zoologia.

Frederico Carlos Hoehne (1882-1959) é outro personagem de extrema importância na pesquisa, tendo ocupado o cargo de botânico da comissão e seguido viagem em 1908 junto a

Miranda Ribeiro. Todavia, Hoehne continua sua participação durante praticamente toda a duração da expedição, compondo igualmente a conhecida “Expedição Roosevelt-Rondon”<sup>1</sup>. Jardineiro Chefe do Museu Nacional desde 1907, Frederico Hoehne se torna figura reverenciada na cidade de São Paulo, onde se estabelece posteriormente a seu retorno da Comissão Rondon, dirigindo importantes institutos científicos naquela cidade.

Por fim, traremos a análise nesse estudo outra importante, e mais famosa, figura, Edgard Roquete-Pinto. Antropólogo do Museu Nacional, e médico de formação, Roquete-Pinto é chamado para atuar na Comissão Rondon em meados de 1911, conseguindo chegar até o estado de Mato Grosso apenas no ano seguinte. Personagem emblemática para a antropologia, comunicação, educação e ciência nacional, Edgard Roquete-Pinto não poderia deixar de ser referenciado nesse trabalho, onde trataremos especialmente seu livro e diário de campo *Rondônia*.

## **MITO E O ARQUÉTIPO DO HERÓI**

A mais conhecida como “Comissão Rondon” tem sido hoje tema de muitos estudos, primordialmente na área da História das Ciências, por abarcar disciplinas como geografia, história, antropologia, biologia, ciências sociais entre outras em seu campo de produção. A variedade de frentes em que a mesma atuou e a figura emblemática de seu chefe faz desta uma temática excepcional. Todavia, neste trabalho, desejamos travar um outro olhar a partir da relação entre ciência e mitologia.

O contato com o poema épico *A Odisséia*, de Homero, e com os livros *O poder do Mito* e *O herói de mil faces*, do antropólogo Joseph Campbell, despertaram o interesse, em outra direção, para a viagem e relatos dos naturalistas da comissão.

*A Odisséia* tem sua produção datada do século VIII a.C., considerada uma das primeiras obras da literatura ocidental trata do retorno do herói Odisseu, ou Ulisses para a literatura grega, a sua casa após a Guerra de Tróia. Porém, a tarefa do retorno não é tão simples, necessitando encarar desafios antes de alcançar seu lar.

A trama do herói que sai para uma jornada de aventuras e depois retorna a seu mundo real se tornou importante modelo de história para a literatura e artes em geral ao longo do tempo. Para Joseph Campbell não é apenas a cultura ocidental moderna que se utiliza desse padrão de núcleo temático, sua obra busca demonstrar o quanto há de convergências nos mitos espalhados pelo mundo, tendo como principal foco o arquétipo do herói e sua jornada, sintetizada pela estrutura

“*separação-iniciação-retorno*” enquanto a “unidade nuclear do monomito” (CAMPBELL, 2007, p. 36).

Dessa maneira, o herói é encontrado com diferentes configurações, com diversas faces, nos múltiplos mitos existentes, contudo podemos observar símbolos que permeiam os mitos demonstrando certa unicidade dentro dessa multiplicidade. Joseph Campbell descreve a organização existente na aventura do arquétipo mitológico esmiuçando a estrutura separação-iniciação-retorno.

A *separação*, podendo ser compreendida como a partida, é o momento do conhecimento do herói, composto pelas subdivisões definidas por Campbell, “chamado da aventura”; “a recusa do chamado”; “o auxílio sobrenatural”; e “a passagem do primeiro limiar”, de maneira geral. A *iniciação*, momento de desenvolvimento da aventura por meio dos desafios que serão ultrapassados, é marcada especialmente pelo “caminho de provas”; “a apoteose”; e “a última bênção”. Chegando à última parte da jornada temos o *retorno*, marcado pela “fuga mágica”; “o resgate com a fuga externa”; “a passagem pelo limiar do retorno”; “senhor dos dois mundos”; e “liberdade para viver” (CAMPBELL, 2007, p.41).

Para melhor compreendemos a relação exposta entre ciência e mito no aspecto da Comissão Rondon, exemplificaremos esses pontos supracitados com os relatos dos naturalistas apresentados na introdução do trabalho, convocando assim nossos “heróis” à descrição de sua aventura.

## **A JORNADA: RELAÇÃO ENTRE A EXPEDIÇÃO E A AVENTURA**

A figura do herói é conhecida por sua moral, coragem e como um modelo a ser seguido. O cientista, representado por esses naturalistas, tendia, (ou tende), ao desejo de ser um exemplo a sociedade. Ao se entreter em seus estudos, trabalhos de campo ou mesmo no laboratório e nos livros, o cientista passa para outro nível da realidade, onde procura retirar o ensinamento a ser passado.

Como um exemplo, o herói deve sofrer o auto-sacrifício pelo bem maior, a salvação de todos, devendo se entregar à aventura. Assim como os naturalistas fizeram, abrindo mão de sua posição cômoda para ir a outro “mundo”, na busca do equilíbrio perdido.

A partir dos relatos desses naturalistas pode-se perceber uma proximidade com a trajetória do herói mitológico. Dessa maneira, serão analisados os momentos da jornada e relacionados aos relatos dos naturalistas.

A jornada do herói é iniciada pelo chamado inesperado da aventura. O herói se encontra em seu dia-a-dia comum, e de maneira surpreendente é necessário sua presença para resolução de uma problemática. Miranda Ribeiro descreve o momento em que recebe uma ligação do ministro marcando uma reunião com Rondon, chefe da comissão, um trabalho que não esperava participar. Nesse estágio inicial também é possível a recusa a aventura, momento em que por algum motivo, medo, desconhecimento, incerteza, o herói decide não seguir o chamado e continuar em sua mesma posição. Miranda Ribeiro, apesar de ter o desejo de participar de um empreendimento como a comissão acredita que sua atuação como secretário do Museu Nacional, e o extenso trabalho burocrático exigido, não o permitiriam seguir o chamado. Roquete-Pinto por sua vez é convidado a atuar na comissão pelo próprio Rondon, que apresentava preocupações acerca da saúde do antropólogo, algo que poderia gerar uma recusa ao chamado. Contudo, Roquete tem de passar pelas dificuldades de liberação de seu próprio superior no museu, Sérgio Domingues, chefe da 4ª seção.

Muitos dos momentos referentes à jornada do herói são igualmente encontrados no relato dos três personagens, assim como em suas biografias. Rondon representa a figura do mentor, em alguns momentos são encontradas referências dos conselhos do coronel. Ele possui experiência nessa aventura, tendo, antes dos naturalistas, percorrido os caminhos das matas motogrossenses.

A passagem do limiar, momento em que o herói efetivamente ultrapassa a fronteira do mundo real, é representada pela viagem do Rio de Janeiro ao estado do Mato Grosso, por meio da viagem de barco, percorrendo o sul do país e passando pelas cidades de Buenos Aires e Assunção, os naturalistas levavam mais de 20 dias até Corumbá, primeiro ponto em terras brasileiras. Miranda Ribeiro reflete bem esse momento destacando sua expectativa na chegada ao Brasil, que era, entretanto, um outro mundo. Para os cientistas que estavam ali, aquele era um Brasil ainda desconhecido, que necessitava ser descoberto para toda a sociedade. Ali eles passariam por diversos acontecimentos, excitantes e desesperadores, até alcançarem seus objetivos.

Dessa maneira, a aventura passa para o nível da *iniciação*, é o desenvolvimento da jornada, onde se tem como situação principal, o *caminho de provas*, com testes, lutas, organização com aliados e o embate com os inimigos. Esse é um momento muito comum nos relatos dos naturalistas, pois que descrevem inúmeros acontecimentos caracterizados pelas dificuldades porque passavam como chuvas, mosquitos que os impediam o sono, o encontro com tribos indígenas não amigáveis, dificuldades com a alimentação, entre outras, que fazem da viagem um trajeto de provações, onde é necessária resistência física e mental para se continuar. Roquete-Pinto buscava o contato com os

índios, mas a escassez de materiais para a permuta dificultava esse contato, relata também a seca que marcava o trajeto de sua viagem no ano de 1912. Num outro momento, Hoehne e Miranda Ribeiro se depararam com a perda de todo material coligido, espécimes e chapas fotográficas, por conta da falta de animais cargueiros, dificultando a continuidade do trabalho.

Para os naturalistas a provação máxima desta jornada estaria na continuidade dos trabalhos apesar de todos os percalços passados. Em alguns momentos se sentem coagidos e mesmo amedrontados, já que os expedicionários são atacados por índios, e outros sofrem com doenças que levam a baixas na expedição. A conquista desses heróis está na manutenção de seu conhecimento adquirido por meio dos materiais coligidos e por sua experiência no outro mundo.

O final da jornada que se dá através do retorno pode ocorrer de maneira simples, mas é de extrema importância, pois o herói precisa regressar trazendo consigo uma conquista, um novo equilíbrio ao mundo real. Todavia, essa conquista também perpassa o próprio herói enquanto um auto-reconhecimento, exercendo modificações em si.

## **CIÊNCIA COMO MITO DA MODERNIDADE**

O estudo aqui apresentado não busca afirmar que os naturalistas apresentados se constituem heróis nos relatos de viagem, que por sua vez seriam exemplos de jornadas mitológicas. Entretanto é possível utilizar-se dessa relação para pensar o papel da ciência no início do século XX no Brasil. Os relatos de viagens são caracterizados pelo aspecto autobiográfico que tende a constituição linear, de início, meio e fim. E nessa construção pode-se identificar situações similares as que o herói mitológico passa, fazendo sentido uma aproximação entre o herói e o naturalista viajante.

O século XIX é marcado pela efervescência da ciência e de seu papel como pilar da verdade no mundo. A frase do filósofo Friedrich Nietzsche “Deus está morto” representa o papel que a religião, instância primordialmente mitológica do mundo, tomava. E foi a ciência o campo que buscou para si essa responsabilidade. Independente de sua eficácia ou não, no início do século XX, a ciência ainda buscava se consolidar enquanto moralizadora e mantenedora da verdade na sociedade, primordialmente na brasileira, que tinha a História Natural como principal produtora de ciência do país.

Dessa forma, é possível compreender os relatos de campo como construções de uma mitologia científica, que apresentava uma viagem, enquanto uma aventura, onde seriam encontradas respostas a esse mundo real, o Brasil, que se formava. E os naturalistas, representam o herói que

abdica de sua vida para seguir viagem perigosa, retornando ao seu mundo com resoluções, o conhecimento e a construção do Brasil, além de trazer a transformação interior, revelando assim a construção de sua identidade enquanto naturalista brasileiro.

---

<sup>1</sup> Comissão chefiada por Rondon e o ex-presidente americano Theodore Roosevelt, durante 1914 e 1915, para exploração do Rio da Dúvida, que posteriormente foi intitulado Rio Roosevelt. Ver: DIACON, Todd A. *Rondon: o marechal da floresta*. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Editora Pensamento. 2007.

\_\_\_\_\_. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena. 2009

DIACON, Todd A. *Rondon: o marechal da floresta*. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

Relatório do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas de 1908. Brazilian Government Document Digitization Project. <http://www.crl.edu/brazil/ministerial> Acesso em: 14/09/2011

Relatório do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas de 1898. Brazilian Government Document Digitization Project. <http://www.crl.edu/brazil/ministerial> Acesso em: 14/09/2011

Relatório do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas de 1909, pp 495. Brazilian Government Document Digitization Project. <http://www.crl.edu/brazil/ministerial> Acesso em: 14/09/2011

Relatório do Ministério da Viação e Obras Públicas de 1909,1911 pp 495. Brazilian Government Document Digitization Project. <http://www.crl.edu/brazil/ministerial> Acesso em: 14/09/2011

RIBEIRO, Alípio de Miranda. *A Comissão Rondon e o Museu Nacional*. Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. 1919

ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Rondonia*. 4.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1938.

SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). *História, ciências, saúde-Manguinhos*. 2008, vol.15, n.3, pp. 779-810. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15n3/11.pdf> Acesso em: 10 jul. de 2011.